

Embargaram teus passos desde cedo. Seguinte atalhos espinhosos. Sim! Sentindo, da orfandade, o frio e o medo, andaste pela vida até o fim.

Longe da mãe, sem nome... nesse enredo tentaste ser feliz e mesmo assim, fizeram dos teus sonhos, arremedo. E os transformaste em poesia, enfim.

Florbeia d'Alma Espanca... quanta dor! Pois, sempre abandonada pelo amor, provaste da amargura dos sozinhos. Com teus poemas, enfrentaste a sorte.

Se foste seduzida pela morte, teus versos florirão pelos caminhos...  
Walma da Costa Barros, Réquiem; em Revista Argila Nº 8, 0311, da APP Raul de Leoni

Se meus juizes confundo com falsa argumentação, recebo o perdão do mundo mas, não, meu próprio perdão.

Adélia Victória, em Fanal 0410

Na beira, dois pássaros trinado e mergulho no ar migalhas no chão.

José N. Reis

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto, que, para ouvi-las, muita vez desperto e abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto a Via Láctea como um pálio aberto, cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: “Tresloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido tem o que dizem, quando estão contigo?” E eu vos direi: “Amai para entende-las! Pois só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas.”

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, Via Láctea; em Obras Primas da Poesia Universal, Sérgio Millet, 3ª Ed., 1963

Levando um coice da mula, minha sogra se mandou, a mulinha nem calcula o galho que me quebrou.

Argemira Fernandes Marcondes, em Trovalegre 0410

Neblina, suave neblina, branca fumaça molhada: na flor, goma cristalina; na relva, manta rendada.

Beatriz Catarax Cotta, em O Pitiguari 0408

– ¿Oír a las estrellas? ¡Qué locura!

– Y yo os respondo: Las adoro tanto, que a veces en la noche me levanto para escuchar su música en la altura.

Y el divino coloquio así perdura hasta el amanecer, que en mi quebranto, digo palabras húmedas en llanto a cada estrella que en lo azul fulgura!

Pero diréis: “¿Acaso su brillante fulgor habla al espíritu distante? Al fervido cantor, ¿qué dicen ellas?” Y os digo: – Amad y habréis adivinado: ¡sólo el oído de un enamorado puede oír lo que cantan las estrellas!

Olavo Bilac, Estrellas (trad. Roberto Lívanov); Sonetos Brasileños por Alvaro de Las Casas (Anexos) – ABL 1938

Por mais que a razão se turve – ainda que uma só vez – que a nossa Paz não se curve às forças da insensatez!

João Freire Filho, em Kosalinda 0406

**SELEÇÕES EM FOLHA**  
mfinenendcz@ig.com.br

Ano 8, Nº 11 – 2004, NOVEMBRO  
Assinatura até Dezembro de 2005: 13 selos postais de R\$ 0,55 ou informe seu E-Mail para remessa grátis.

Se ve, de paso, la ceja, ceja de mora traidora: y la mirada, de mora: y como nieve la oreja.

Preludian, baya la luz, y sale en bajan y mantón, la virgen de la Asunción bailando un baile andaluz.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Secencillos X (continuação); José Martí Poesia Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Rubro o sol talvez se ponha no ocaso que ele alumia, por sentir tanta vergonha do que vê durante o dia...

José Fabiano, em O Pitiguari 0407

Alza, retando, la frente; crúzase al hombro la manta: en arco el brazo levanta: mueve despacio el pie ardiente.

Repica con los tacones el tablado zalamera, como si la tabla fuera tablado de corazonos.

No meu rosto já cansado, são as rugas atrevidas o sinuoso traçado das veredas percorridas.  
Relva do Egypto Silveira, em Trovalegre 0410

Na beira, dois pássaros trinado e mergulho no ar migalhas no chão.	Vejo o sabiá mas não lhe ouço o gorjeio estou velho...	Orquestra do vento saias-brancas valsando sob a luz lunar.	Entre as plantações crianças catam grilos. Campo de primavera!	Rumores de fala – tinir de copos e pratos: cheiro de alcachofras...	Cadeira de rodas soprando bolhas de sabão sorri o menino.	Cemitério-parque sob o gorjeio das ramas esquife passando.
José N. Reis	Lituka Simizo	Naoto Matsuchita	Roberto Saito	Sonia Mori	Suely Moraes	Teruko Oda

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO		(QUIDAI) PRIMAVERA	
Nos tons branco ou rosa, o ciclame permanece muito além da festa. Alba Christina	Erica florida, recebe beijos da brisa no quintal da casa. Elen de Novais Felix	Ciclame branquinho. Lento, sol derrete a geada. Ciclame lilás. Leonilda Hilgenberg Justus	
Corúrias negras, avermelhadas na cauda, cantam lindamente. Amália Marie Gerda	na paisagem do caminho. Respiro pureza... Ercy M. M. de Faria	Corações em folhas, já cercando fortes brotos. Ciclamens florescem. Manoel F. Menendez	
Perdida nas folhas uma corruira canta desperta o gato. Amari do Amaral Campos	Trinante corruira aranha e inseto cisando num lar caipira. Fernando L. A. Soares	Posando uma vespa, com seu ferrão venenoso, não concede mel. Maria App. Picano Goulart	
Os molques fogem das alvorçadas vespas, que passam ferroando. Analice Feitoza de Lima	Uns matizes verdes... tem folha nova nos galhos. Macacos se agitam. Fernando Vasconcelos	Nuvens esgarçadas esquecidas pelo vento. Lua enevoada. Maria de Jesus B. de Mello	
De pardo e vermelho as corruiras vão mesclando o quintal inteiro. Angélica Villela Santos	Ainda bem cedo, despertou o rouxinol. Manhã sonora. Flávio Ferreira da Silva	No terreno agreste ericas enfileiradas ao longo do rio. Maria Reginato Labruciano	
Com olhos alegres floricultor vê ciclames, no buquê da noiva. Anita Thomaz Follmann	Na flor bem sugada, o beijo do colibri. Uma outra flor. Haroldo Rodrigues de Castro	Enfeitando a sala uma bonita ikabana. Frestas sobressai. Nadyr Leme Ganzert	
A flor do ciclame roxa, em vaso de cristal. Um raso de sol. Cecy Tupinambá Ulhôa	Bem junto à janela, florida açucena exala seu odor. Hélvécio Durso	Na campina à fresia, enfeitando a natureza agradando os olhos. Olga dos Santos Bussade	
Um só bebedouro. Alguns colibris sedentos. Briga no jardim. Darly O. Barros	Brisa ainda fria... Delicadas açucenas descansam à sombra. Humberto Del Maestro	Imenso choroão defronte à pequena casa, tapando a visão. Renata Paccola	
Corruiras juntas; seresta para dormir na copa da árvore. Djalda Winter Santos	Remanso do rio, cardume de lambaris, bonito desfile. João Batista Serra	Silêncio ao redor. O vento fechou as asas. Canta o pintassigo. Roberto Resende Villela	
Terra molhada a dona de casa rega o ciclame. Edmilson Felipe	De longe exalando a fresia bem perfumada no mato escondida. Jorge Picano Siqueira	Galhos do salgueiro arrastados pelo rio. Vão, vêm, vão e vêm... Sérgio Francisco Pichorim	

**SELEÇÕES MENSAIS**

**FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS**

**Remeter até 30.11.04, quigos à escolha: Acará, Alamanda, Entrudo.**

Remeter até 30.12.04, quigos à escolha: Bruma, Dia do Sogro, Tangerina.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais exluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fáil entendido, *só treinando*.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP ou mfinenendcz@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

**TREVOS O CIDENTAL** \* – **TREVOS PERSONAGEM** \*

Como é bem choroão esse nosso Píngüinha... Comps Carinhos... Agostino José de Souza

A colheita é rápida, e a amoreira transformada em geleia de amora. Alba Christina

Deslumbra o universo... Na gaiola o pintassigo, é atração total... Ailson Cardoso de Oliveira

Deslumbra o universo... Na gaiola o pintassigo, é atração total... Ailson Cardoso de Oliveira

Deslumbra o universo... Na gaiola o pintassigo, é atração total... Ailson Cardoso de Oliveira

HAICUS		EM FOLHA	
Trepada na cerca a capuchinha vermelha separa os quintais. Maria Reginato Labruciano	O siri, na areia, desenha, com suas patas, seus rastros de fuga. Amália Marie Gerda	Floriando entre a relva a capuchinha polvilha o verdor, com cores... Darly O. Barros	
Montanha deserta. Sob a luz noturna cintila a cascata. Walma da Costa Barros	E noite no campo. Ouve-se apenas o canto da cascata ao longe. Walma da Costa Barros	Na praia deserta – siri saindo do mar se enterra na areia. Maria Reginato Labruciano	
Como um véu de noiva, com transparência e beleza, a cascata jorra. Amália Marie Gerda	Casal se beijando sob as águas da cascata. Um brinde ao amor. Renata Paccola	Paisagem campestre: espesso véu da cascata ora a pedra toska. Walma da Costa Barros	
Água espumada derruba o castelo corre o siri. Edmilson Felipe	Primavera chega e a chuva de capuchinhas reflorece a pèrgula. Alba Christina	Passio na mata – ouve-se um murmúrio ao longe canto de cascata. Maria Reginato Labruciano	
No caramanchão, flores vermelhas suspensas. Lindas capuchinhas! Alda Corêa M. Moreira	O riacho sem nome ganha fama na cascata. São poucos segundos. Sérgio Francisco Pichorim	Manhã ensolarada. Sai do buraco um siri. Só ele na praia. Angélica Villela Santos	
Família na praia. O menino descobrindo um siri na areia. Analice Feitoza de Lima	Lá do alto, água caindo no rio, em cascata. Flávio Ferreira da Silva	Muro ornamentado. Capuchinha se astraando. Flores amarelas. Analice Feitoza de Lima	
Contemplo o jardim a capuchinha florida encanta quem passa. Djalda Winter Santos	Um clarão laranja, no jardim adormecido. Quantas capuchinhas! Amália Marie Gerda	Da encosta do morro, queda de água atraí olhares. Branco véu descendo. Analice Feitoza de Lima	
Correm pela praia siris no rumo do mar. Nasce mais um dia. Amari Amaral Campos	Sem medo nenhum, a cascata borbulhante se joga do alto. Djalda Winter Santos	Siri precavido, escondido na areia foga da panela. Cecy Tupinambá Ulhôa	
Bagagem no chão chegada da lua. Som da cascata. Cassio Caio Prados	Furos na areia, no vai e vem das ondas casa de siris. Rosângela Aliberti	Fim da pescaria. Somente dois siris no sambura de vime. Sérgio Francisco Pichorim	
Perninhas velozes caminhando pela areia. É o siri-patola. Djalda Winter Santos	De lado, de ré, vai reagindo o siri. Menino brincando. Manoel F. Menendez	Multidão na praia invasão de domicílio: siris escondidos. Alba Christina	

Escola enfeitada. Festes por toda parte. Dia da Cultura. Analice Feitoza de Lima	Perfumam a sala, da fresia, as flores cheirosas. Paz e encantamento. Angélica Villela Santos	Sete de Setembro cedo adeus ao meu pai Dia dos Finados. Carlos Roque Barbosa de Jesus	Sorriso aberto. Vaidosa entre as mais formosas dália colorida. Cecy Tupinambá Ulhôa	Cercado por flores nenhuma flor no jazigo. Nem nome, só pó... Darly O. Barros	Alunos em festa valorizam o ensino: Dia da Cultura. Djalda Winter Santos	Dia dos Finados! * A multidão solidária acendendo velas... Edel Costa
A cigarra sabe que a música tem seu dia; canta sem parar! Elen de Novais Felix	Chuva-criadeira... Promessa de novas rosas. Lágrimas do céu... Ercy M. M. de Faria	Pendão auriverde garante à arara que cante... – Quão sagrado o verde. Fernando L. A. Soares	Grilos e cigarras, rio, vento, sabiás... é Dia da Música. Fernando Vasconcelos	Dia da Cultura, mãos, mentes entrelaçadas. E viva o saber! Haroldo Rodrigues de Castro	Finados, lágrimas, flores, preces, saudades dos que se foram. Hélvécio Durso	O verde pendão, orgulho dos brasileiros... Dia da Bandeira!... Hermoclydes S. Franco
Corruira na cerca * sozinha à casa vizinha... – Hora do batente! Humberto Del Maestro	Foge rio abaixo * o pequeno lambari. Procura cardume... João Batista Serra	O choroão derreou sua natureza verde num rio de lágrimas... João Elias dos Santos	Dia da Cultura homenagem a Rui Barbosa, nasceu nosso Rui. Jorge Picano Siqueira	Saudade molhada pinga a lembranças azuis... Miosótis florindo. Leonilda Hilgenberg Justus	Uivando ao vento os chorões do cemitério choram pelos mortos... M. U. Moncam	A fome saciada, * como sempre agradecendo. Dia de Ação de Graças. Manoel F. Menendez
Uma amora mora * sozinha à casa vizinha... Garoto a namora. Marcelino R. de Pontes	A moça sorri * bela com batom ciclame pensando na vida. Maria App. Picano Goulart	Dia de Finados... – Recordações e saudades de quem já partiu!... Maria Madalena Ferreira	Na estrada deserta * jatobá, junto à porteira – a guarda avançada. Maria Reginato Labruciano	Nos ares da mata * ecoando um curió na busca da amada... Mariemy Tokumu	Vaso de lata. Ramos e flor de café. Mamêe criança... Nadyr Leme Ganzert	Fruta do Brasil * jabuticaba madura dá água na boca. Olga Amorim
Lágrimas eternas... Orações. Flores. Saudades... Dia dos Finados. Olga dos Santos Bussade	Araçonga em seu canto encanta reais ouvintes. Gravação Dalgas Frisch. Oliária Alverenga	Tom rosa-ciclame * cor que significa amor amar é viver... Perla	Por falta de espaço, * João-de-barro constrói ninho vertical. Renata Paccola	Antes, todo dia era dia dos mortos. Hoje? – curtir o feriado! Rodolpho Spitzer Junior	O curió gorjeia * no despertar da manhã, a louvar o sol. Santos Teodósio	Janelas abertas * todo o vento que passa balança a árvore. Sérgio Francisco Pichorim

Ar primavera!  
Sibipiruna florida  
faz chão amarelo.

Ao sol da manhã,  
rumor imenso no trânsito  
bem-te-vi canoro.

Enfim, dia tépido.  
Casal de idosos caminha  
sem pressa de chegar.

No pomar, odor  
das laranjeiras em flor.  
Festança de abelhas.

Verão – maré baixa.  
Crianças arquitetando  
castelo na areia.

Calor, estiagem.  
Há má qualidade do ar.  
Enche o ambulatório.

Noite na fazenda.  
Luz amarela defende  
de insetos noturnos.

Olga Amorim, de Vão de Libélulas, 2003; contato com a autora: Rua Cincinato Braga 535, Apto.63, CEP 01333-011 – São Paulo, SP

## T E L M A G A N H O U !

Maria Aparecida Picanço Goulart, de Interior, 1992

Meu irmão – Manoel – lembrou-me que não havia escrito nada sobre as festas da Igreja e, rindo, disse:

– Você se lembra de: Telma ganhou!

Lembrei-me, logo, dos jogos de vispora, e vou contar uma característica desse jogo na vila.

Quem é da época em que não havia televisão, sabe que muitas famílias se reuniam para uma vispora à noite, onde juntavam-se vizinhos e amigos.

Com carcos de milho ou feijão marcava cada um em seu cartão o número, que era cantado ao ser retirada, da sacola, a pedra: geralmente, uma rodela de madeira com o número. Vencia aquele que conseguisse completar primeiro o que se havia convenicionado: uma linha horizontal, uma linha vertical, etc.; fazia a mosca quem preenchia o cartão, era o vencedor maior. Surgia o café com muita conversa e colocavam os assuntos em dia.

Determinados números têm seus apelidos:

– Dois patinhos na lagoa – 22

– Idade de Cristo – 33

– Pingo no pé – 9

Esses eram comuns em vários locais, mas – Telma ganhou – 52, era próprio àquela vila de que tratamos no momento.

Em todas as festas comemoradas no distrito havia barraquinhas na praça, em frente à Igreja:

– tiro ao alvo, pescaria, roletas de maçãs, préas que entravam e saíam de cabanas...

Todos jogavam e recebiam seus prêmios ou perdiam seus trocados.

– Olha, Dona Eloísa conseguiu maçãs para a semana inteira.

– Marilu é desastrada no tiro ao alvo, nunca acerta; em compensação, Clydes não perde um.

– Ary pescou até fechar a barraca, e a filha saiu carregada de presentes.

– Seu Juvenal, coitado, queria tanto levar seu pacote de cigarros, mas nada conseguiu.

Todos se interessavam por um motivo ou outro; queriam mesmo era a diversão, que durava quase uma semana.

Ainda existe muito estorjo ou prato, guardado com carinho; prêmio de namorado daquela época.

A maior sensação era o grande leilão do dia da festa. Era o último evento. Sempre esperado, as melhores prendas eram reservadas para esse famoso instante.

O leiloeiro estimulava os participantes; cada qual querendo ser mais vivo e fazer bonito.

A oferta dos objetos era dos próprios moradores ou de antigos habitantes que mandavam seus brindes; a renda era para a Igreja.

O frade que atendia ao distrito era muito animado.

– Tanto lutou Frei José que conseguiu a escola junto à Igreja e até fundou um jornal.

Angariou interessantes prendas para leiloar. Muita novidade: rádio, bicicleta. No final, como sempre, o leilão do garrote.

Os objetos ficavam expostos no coreto e, em improvisado curral ao lado, o novilho.

Havia sempre alguém observando o que cobicava. Muito agitada, mais que todos, estava Telma. Queria porque queria tirar a bicicleta, para a qual haviam passado uma rifa. O sorteio seria em intervalo do leilão.

O leiloeiro – Marcos – sortearia a rifa com as pedras usadas em jogo de vispora. Rapaz, passando a maduro, andava encantado com Telma, menina esprevidada e alegre, e o prêmio ia depender só dele.

– Se eu conseguisse sortear a bicicleta para Telma, ela iria me olhar com melhores olhos, com certeza, pensava.

Cada vez que a garota subia a escadinha do coreto para verificar a bicicleta, ele procurava se aproximar, sempre dando uma esperança.

– Telma, estou achando que você vai ser premiada. O que você acha?

– Seria maravilhoso. Já imaginou eu com a bicicleta só para mim? Não teria mais que alugar por hora.

Os olhos de Telma brilhavam e Marcos tremia

de felicidade.

– Não posso decepciona-la. Ela está querendo tanto essa bicicleta! Se tem que sair para um, por que não para ela?

– Corria o leilão.

– Quem dá mais?... Um... dois... três... Seu Hust leva este belo jogo de cristal para água, doado por Dona Janize que não esquece sua terra.

Chegou o festeiro e anunciou:

– Vai ser sorteada, agora, a bicicleta. Fiquem atentos!

Marcos emocionou-se, ia dar alegria a Telma, era capaz de ganhar até um abraço. Enfiou a mão na sacola para retirar a pedra que cantaria. Lembrou-se, então, que não havia perguntado o número do talão de Telma. Como poderia premia-la? Não teve dúvida.

– Telma ganhou!

Ela mais que depressa gritou:

– Deu 52?

Ele repetiu:

– 52 – Telma ganhou!!!

Retornou, rapidamente, o número para a sacola. A euforia de Telma era tanta que ninguém teve coragem de reclamar.

Daquela data em diante, quando em suas casas os moradores jogavam vispora, jamais esqueciam, se saía a pedra 52, bastava dizer:

– Telma ganhou.

## PARA QUEM É PAI/MÃE E PARA AQUELES QUE O SERÃO...

Texto de Affonso Romano de Sant'Anna

Seleção Yvonne Leoni Baptista 20mp (espacoaereo@uol.com.br)

Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos seus próprios filhos. É que as crianças crescem independentes de nós, como árvores tagarelas e pássaros estabnanados. Crescem sem pedir licença à vida. Crescem com uma estridência alegre e, às vezes, com alardeada arrogância. Mas não crescem todos os dias de igual maneira. Crescem de repente.

Um dia sentam-se perto de você no terraço e dizem uma frase com tal maturidade que você sente que não pode mais trocar as fraldas daquela criatura. Onde é que andou crescendo aquela danadinha que você não percebeu? Cadê a pазinha de brincar na areia, as festinhas de aniversário com palhaços e o primeiro uniforme do Maternal? A criança está crescendo num ritual de obediência orgânica e desobediência civil. E você está agora ali, na porta da discoteca, esperando que ela não apenas cresça, mas apareça! Ali estão muitos pais ao volante, esperando que eles saíam esfuziando sobre patins e cabelos longos, soltos. Entre hambúrgueres e refrigerantes nas esquinas, lá estão nossos filhos com o uniforme de sua geração: incômodas mochilas da moda nos ombros. Ali estamos, com os cabelos esbranquiçados. Esses são os filhos que conseguimos gerar e amar, apesar dos golpes dos ventos,

das colheitas, das notícias, e da ditadura das horas. E eles crescem meio amestrados, observando e aprendendo com nossos acertos e erros. Principalmente com os erros que esperamos que não repitam.

Há um período em que os pais vão ficando um pouco órfãos dos próprios filhos. Não mais os pegaremos nas portas das discotecas e das festas. Passou o tempo do balé, do inglês, da natação e do judô. Saíram do banco de trás e passaram para o volante de suas próprias vidas. Deveríamos ter ido mais à cama deles ao anoitecer para ouvir sua alma respirando conversas e confidências entre os lençóis da infância, e os adolescentes cobertores daquele quarto cheio de adesivos, pôsteres, agendas coloridas e discos ensurdecadores. Não os levamos suficientemente ao Playcenter, ao shopping, não lhes demos suficientes hambúrgueres e cocas, não lhes compramos todos os sorvetes e roupas que gostaríamos de ter comprado.

Eles cresceram sem que esgotássemos neles todo o nosso afeto.

No princípio subiam a serra ou iam à casa de praia entre emburlosos, bolachas, engarrafamentos, natais, páscoas, piscina e amiguinhos.

Sim, havia as brigas dentro do carro, a disputa pela janela, os pedidos de chicletes e cantorias sem fim. Depois chegou o tempo em que viajar com os pais começou a ser um esforço, um sofrimento, pois era impossível deixar a turma e os primeiros namorados.

Os pais ficaram exilados dos filhos. Tinham a solidão que sempre desejaram, mas, de repente, morriam de saudades daquelas "pestes". Chega o momento em que só nos resta ficar de longe torcendo e rezando muito (nessa hora, se a gente tinha desaprendido, reaprende a rezar) para que eles acertem nas escolhas em busca de felicidade. E que a conquistem do modo mais completo possível. O jeito é esperar: qualquer hora podem nos dar netos. O neto é a hora do carinho ocioso e estocado, não exercido nos próprios filhos e que não pode morrer conosco. Por isso os avós são tão desmesurados e distribuem tão incontrolável carinho. Os netos são a última oportunidade de reeditar o nosso afeto. Por isso é necessário fazer alguma coisa a mais, antes que eles cresçam.

Aprendemos a ser filhos depois que somos pais. Só aprendemos a ser pais depois que somos avós...

## C U R S O R E A ‘ N G R A T O

José Marcelo Grillo, em Revista da Academia Cachoirensense de Letras, Ano XXXVIII, nº 13, Dezembro/2000; Academia Cachoirensense de Letras, Rua 25 de Março 104 "Casa da Memória", CEP 29300-100 – Cachoeiro de Itapemirim, ES – E-mail: acletras@globo.com

Meu caro amigo: outro dia tive notícias suas. Fiquei sabendo que você está trabalhando agora numa empresa de planos de saúde. Estou feliz por você. Quem vive ocupado não tem tempo de pensar besteira – e você já fez tantas nessa sua vida errante. Só eu, que me mato de trabalhar e não tenho jeito... Bem, se é mesmo na Uniuore, espero que seja na área de vendas, pois ninguém resiste ao seu papo. Você tem jeito para essas coisas.

Mas qualquer hora tenho que aparecer por aí, para fazer um plano de saúde. Ando precisado. Não é nada para o corpo em geral, pois me sinto otimamente bem.. É apenas para o coração. Quem sabe você tem um plano especial para ele.

Meu caro amigo, ouça o que diz esse nem tão querido amigo. Meu assunto é sério.

Meu pobre coração já não é mais o mesmo de antigamente. Temo por ele. Tem sido submetido a emoções violentas ultimamente. Certos pensamentos têm sobrecarregado o pobre coitado. Vou lhe dar umas noções para que você me escolha o melhor plano possível.

Na parte disciplinar, é muito desobediente; com ele não adianta a voz da razão quando teima com alguma coisa. Mas em compensação é sincero e franco. É meio renitente, e tem memória de elefante; demora uma vida para esquecer. (Lembra-se daquela mulher que você disse para eu esquecer? Pois bem, casei-me com

ela. Depois, descasei-me.) Tenho a certeza de que ele é bem forte, pois o que ele tem suportado ultimamente não é qualquer um que suportaria.

Na parte física não anda bem. Ele está em pedaços, sangrando, precisa ser costurado, remendado, desobstruído. Não é um coração novo, mas é pouco usado. Às vezes penso que é a primeira vez que ele funciona realmente. Olhando assim, parece coração de adolescente.

Na parte sentimental é que está o problema. Já me trouxe decepções, e raramente me dá alegria. Ultimamente ele está assim: ora devagar, ora apressadinho, ora calado, ora barulhento, mas sempre desolado, solitário. Anda muito triste, o pobre coitado. Tenho a impressão de que ele tem problemas de sopro, pois ele fica ininterruptamente me soprando um nome. Ainda não sei bem qual é.

Mas é um coração manso, grande que só vendo! Nele cabe tanta dor... Já foi muito seresteiro, e de quando em vez ainda canta, mas na maioria das vezes está calado. Meu coração perdeu a voz.

Vou lhe pedir um favor de amigo. Só depende da sua boa vontade. Faça um bom plano para meu coração, porque o coitado anda desiludido, sem planos na vida. Está completamente desassistido. Ele está entregue ao SUS, e precisa de assistência particular. É um coraçãozinho bom, por isso merece um desconto nas mensalidades. Mas isso fica a seu critério. Enfim, faça por ele

como se estivesse fazendo por mim.

Mas é fundamental que você me arranje um plano sem carências, porque de hora para outra vou precisar. Os males do coração não avisam... Ando sofrendo há quase cinco anos. É tempo demais. É chegada a hora de me cuidar. E bem que eu tento, jogando futebol, fumando menos, alimentando-me direito, mas isso não basta. É necessário que alguém cuide dele. Um coração não pode viver sozinho. Então, arranje-me um bom plano. Que seja um plano completo. Preciso que dê direito a internação, médico especialista, enfermeira, quarto particular com televisão e computador, frigobar, whisky com gelo. Ah!, não esqueça: Martini doce com azeitonas.

É preciso ainda, e isso é fundamental, que o plano cubra ataques repentinos de saudade, de solidão, de desespero... e de bobearias. Mais sobre meu coração não sei dizer. Estou conhecendo o bichinho agora. Nunca lhe dei a devida importância. Ainda vou descobrir porque ele anda desse jeito.

Às vezes penso que é por causa de uma certa moça que ele conheceu outro dia. Quando pensa nela ele bate acelerado e me vem a taquicardia, e volta o sopro. Mas vou esperar mais para ter certeza. Ele já me enganou tantas vezes...

Como você pode deduzir, o diagnóstico é um só: o caso é grave, gravíssimo. Por isso é bom que seu plano inclua transplante. Talvez seja a única alternativa para esse coração ingrato.

Um bom trabalho em xerox colorida, xerox de Plantas, xerox P/B, redução, heliografia, ampliação, autenticacões, encadernação, plastificação, serviços de Fax, carimbos, cópias de chaves? Assessoria Xerográfica Ind. e Com. Ltda., Rua Veneslau Brás 154, Centro, CEP 01016-000 – São Paulo, SP – Fone/fax (011) 3104-9765 – genesis\_lopes@uol.com.br

Genésio e Dalva